

APRESENTAÇÃO DOS GTS E DOS COORDENADORES - GT02 (ONLINE):  
AS ESCRITAS FEMININAS NO CONTEXTO DAS LITERATURAS AFRICANAS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA

**PÓS-COLONIALISMO, FEMINISMO E MIGRAÇÃO: INSURGÊNCIAS  
POÉTICAS NA OBRA DE RAQUEL LIMA**

*Marcela Magalhaes De Paula (boana83@gmail.com)*

Esta comunicação propõe uma análise crítica da poética e da performance de Raquel Lima, autora afrodescendente nascida em Portugal, cuja trajetória é atravessada por múltiplas camadas de opressão, como colonial, racial, de gênero e de classe, herdadas da história dos PALOP e da diáspora africana. Filha de mãe angolana e pai são-tomense, a poeta constrói uma linguagem que transita por fronteiras identitárias e territoriais, desestabilizando discursos eurocentrados sobre pertencimento, cidadania e subjetividade. Sua obra emerge como ferramenta de insurgência e reconfiguração simbólica, mobilizando a palavra e o corpo como campos de disputa política e memória.

Textos como o poema "Liberdade Cruel" e o livro-performance *Ingenuidade, Inocência, Ignorância* (2019, 2022) constituem atos de resistência que evocam as marcas do colonialismo, da escravidão e da migração forçada, sem cair na vitimização, mas afirmando o corpo negro como território vivo de agência, ancestralidade e transformação. A centralidade da oralidade e da performance em sua produção insere sua poética na tradição das culturas afro-diaspóricas, recuperando formas de saber e expressão que foram historicamente marginalizadas pela racionalidade colonial-capitalista. A análise será orientada por um referencial teórico interseccional e pós-colonial, que articula o

pensamento do feminismo, com destaque para Kimberlé Crenshaw (1989), bell hooks (1981, 2000) e Angela Davis (1981, 2016) e com as formulações críticas de Nancy Fraser (1995, 2000), cuja concepção de justiça integradora propõe a articulação entre redistribuição econômica e reconhecimento cultural como dimensões indissociáveis da emancipação. A noção de "capitalismo racial" e "dupla consciência" será mobilizada a partir de W. E. B. Du Bois (1903), cuja crítica à construção da "linha de cor" como fundamento da divisão de classes oferece uma chave histórica para compreender o entrelaçamento entre raça e subjetividade. Além disso, a noção de coletivo político formulada por Jodi Dean (2012, 2019) permite pensar como a performance poética de Raquel Lima contribui para a constituição de uma subjetividade coletiva insurgente, capaz de produzir laços de solidariedade e organização política frente à fragmentação neoliberal. A poeta, ao entrelaçar corpo, palavra e ancestralidade, reconfigura os termos da visibilidade, do pertencimento e da luta, afirmando a mulher negra como sujeito epistêmico e agente histórico. Raquel Lima, portanto, propõe uma poética da reescrita da história, ancorada na experiência da diáspora africana e nas possibilidades de resistência que emergem de seus corpos historicamente silenciados. Sua obra contribui para um processo de tentativa de descolonização simbólica e política, reposicionando a arte como forma de crítica social e prática revolucionária.

Palavras-chave: raquel lima; poética afro-diaspórica; interseccionalidade; descolonização; corpo e ancestralidade; capitalismo racial.